

O Desenho da Árvore e o Índice de Wittgenstein (*)

FRANCISCO DE CASTRO CARNEIRO (**)

1. INTRODUÇÃO

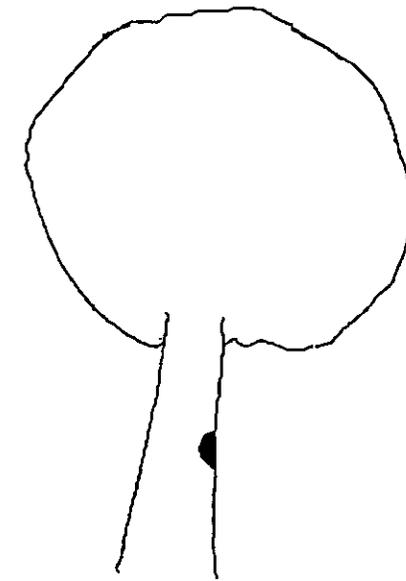
Pretende-se aqui efectuar uma reflexão sobre o *Índice de Wittgenstein*, referindo, não somente as posições dos diversos estudos realizados nesse domínio como também lançar alguns dados para a sua compreensão como uma das técnicas de interpretação do desenho da árvore.

O *Índice de Wittgenstein* tem como particularidade a determinação da data da ocorrência de acontecimentos importantes na vida dos indivíduos a partir da existência de cicatrizes ou outras marcas deixadas no tronco da árvore que é desenhada (Figura 1).

Tido como excelente e inequívoca manifestação de projecção por alguns autores e sem qualquer espécie de interesse por outros, ele cativa pelo fascínio de que se reveste.

Buck (1948a) foi o primeiro autor a afirmar que «manchas ou deformações desenhadas na árvore, tais como cicatrizes, buracos, ramos parti-

FIGURA 1
Árvore com cicatriz no tronco



(*) Uma versão deste trabalho foi já apresentada numa comunicação no XIV Congresso Internacional de Rorschach e Métodos Projectivos, Lisboa, 19 a 22 de Julho de 1993.

Toda a correspondência relativa a este artigo deve ser enviada para Francisco de Castro Carneiro, Av. da Boavista, 2430, 3.º, 4100 Porto, Portugal.

(**) Professor Associado da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

dos, pontos de sombreamento ou muito marcados, ramos mortos, etc., enviavam, quase sempre, a experiências dolorosas sentidas e ocasionadas por traumatismos psicológicos no passado do sujeito e que a data de ocorrência do acontecimento ou acontecimentos traumáticos pode ser, por vezes, sumariamente aferida». Para tal, ele considerava que a árvore simboliza o tempo de vida do indivíduo, e que a base do tronco (ou

seja a parte do tronco mais próxima do solo) envia à infância, o topo da árvore à idade actual da pessoa, e o espaço intermediário aos anos intermédios. Buck (1948a) concretiza dizendo que «se o sujeito tiver actualmente trinta anos de idade e se houver uma cicatriz no tronco aproximadamente a um terço da distância que vai da base ao topo da árvore, um episódio traumático terá presumivelmente ocorrido no período de vida que vai dos 9 aos 11 anos. Então o psicólogo poderá perguntar: o que é que de invulgar lhe aconteceu quando tinha à volta de 10 anos?»

Segundo este autor, somente serão simbolizados aqueles acontecimentos de que o sujeito se recorda que foram traumatizantes, e não forçosamente os acontecimentos que para o observador exterior possam parecer como susceptíveis de imprimir marcas duradoiras.

Nesta descrição de Buck aparecem, claramente, 3 ideias, a saber:

(a) que existe uma proporcionalidade não só entre o tamanho da árvore e a idade do sujeito na ocasião em que o desenho é realizado, mas também entre a altura ou localização da cicatriz no tronco da árvore e a idade do sujeito no momento da ocorrência do acontecimento em questão;

(b) que o reconhecimento do episódio traumático é determinado por razões subjectivas e não por normas objectivas;

(c) que a raiz é excluída na medição da altura do desenho da árvore.

Buck parte, pois, aqui, do postulado segundo o qual a altura do desenho da árvore representa a idade actual da pessoa que efectuou o desenho, e que a posição da cicatriz ou marca traumática no tronco da árvore aparecerá situada a uma altura proporcional à diferença entre a idade actual do sujeito e o momento do acontecimento. Esta descoberta de Buck – a ser provada – teria uma grande importância prática em termos de diagnóstico, além de fornecer explicações para a teoria da projecção em técnicas expressivas, o que equivale a dizer que o desenho de uma árvore teria relação com o eu (corpóreo) de cada um, na medida em que este eu é projectado num «espaço de vida».

Surgiram, desta técnica de medições, 2 escolas – a americana e a europeia –, tendo a primeira como particularidade a inserção das suas pesquisas na linha de Buck (1948a; 1948b) en-

quanto a segunda se situa no âmbito de Karl Koch (1949).

No que diz respeito à escola americana, surge um primeiro estudo feito por Levine e Galanter (1953) em que se preconiza uma verificação objectiva das considerações de Buck pois que a evidência clínica parece derivar de uma constatação que o indivíduo faz *a posteriori* de incidentes que ele próprio considera traumáticos na sua história pessoal. O que pretendiam estes autores era orientar-se por traumas objectivamente verificáveis. Então, eles obtiveram desenhos de árvore de 27 paraplégicos hospitalizados, pressupondo que a gravidade da doença e as circunstâncias em que ela ocorreu, assim como a completa reorientação para a vida, eram razões muito fortes para a sua eleição como trauma, tanto mais que era possível indicar a data exacta da amputação como o trauma verificável em cada caso, o que equivale a dizer que, quer o trauma quer o tempo da ocorrência podiam ser especificados, independentemente do desenho.

A instrução era simplesmente «Desenhe uma árvore», e a população, classificada por idades, ia dos 18 aos 40 anos (idade média de 26 anos), com a duração da doença de 6 meses a 10 anos (sendo de 15 meses o tempo médio de doença).

A presença de indícios traumáticos ou cicatrizes na árvore era cotada independentemente pelos 2 autores, de acordo com os critérios gerais de Buck, havendo concordância em relação à presença ou ausência de cicatrizes em 82% dos casos. E do total dos 27 desenhos cotados, apenas 7 evidenciavam indícios traumáticos inequívocos – o que não foi nada satisfatório! –, e nenhuma das cicatrizes se localizava na faixa dos 2 anos de idade indicados na hipótese de Buck.

Num pequeno artigo sobre a importância do H.T.P. numa bateria de prognóstico, Hammer (1953) indica a interpretação de psicopatologia profunda ao referir-se a um tronco com cicatriz.

Diamond (1954) considera, por seu lado, que a referência explícita à cicatriz no tronco da árvore devia ser encarada mais como índice da angústia de castração do que como traumas específicos situados no tempo.

Apesar do trabalho de Levine e Galanter, a que já nos referimos, não ter revelado êxito quanto à localização de cicatrizes, o facto é que

parecia haver concordância com a hipótese proposta, havendo portanto que resolver o problema dos critérios a seguir na sua determinação.

Lyons (1955), considerando que a frequência de cicatrizes espontâneas é de apenas 5% em adultos e de 10% em crianças – o que é muito reduzido para permitir reunir um efectivo suficiente para estudo –, resolveu, para testar a hipótese de Buck, induzir os sujeitos a porem cicatrizes na árvore. Recorreu à administração usual do H.T.P. teste, mas pondo de uma só vez todas as questões que dizem respeito a cada desenho: neste caso, ao desenho da árvore. Todavia, a seguir às questões relativas ao desenho da árvore, era fornecido ao sujeito um lápis e dada a seguinte instrução: «Agora suponha que um relâmpago tinha caído sobre esta árvore há algum tempo. Pegue no lápis e marque um x no ponto onde o relâmpago teria caído.» Acrescente-se, de imediato, que este autor costumava começar a bateria de testes com o H.T.P. e concluí-la com um questionário que continha, entre 20 outras questões, as seguintes: «Qual foi a pior coisa que lhe aconteceu, em toda a sua vida? Quando aconteceu?»

Os 2 canais de informação de cada sujeito, ou seja, a cicatriz induzida na árvore e a localização do trauma no decurso da vida, são assim obtidos por 2 vias diferentes e que estão separadas por cerca de uma hora no decorrer do exame psicológico. Foram utilizados neste estudo 50 adultos (39 homens e 11 mulheres), dos 17 aos 61 anos, indo de normais a psicóticos graves. E isto, porque o autor achou que não haveria razão para considerar a priori que qualquer categoria de sujeitos faria pesar os resultados nesta ou naquela direcção (Lyons, 1955, p. 268). Para cada sujeito, foi contemplada:

a – a altura da árvore em milímetros do ponto mais baixo ao ponto mais alto (HT).

b – a altura da cicatriz em milímetros medida do ponto mais baixo da árvore até ao meio do x (SC).

c – a idade (em anos) em que o sujeito localiza o trauma (TR).

d – a idade actual do sujeito em anos e meses (CA).

Visava-se, deste modo, a correlação produto/momento entre as variáveis SC/HT e TR/CA,

concretizada em .54 que é significativa acima de 1% do nível de confiança ($p < .01$).

Estes dados poderiam ser interpretados no sentido da existência de uma relação significativa entre a localização da cicatriz na árvore (feita pelos sujeitos) e a ocorrência de um trauma (ou pior acontecimento) nas suas vidas. E poderia concluir-se, segundo Lyons, que a localização de cicatrizes induzidas na experiência da árvore-cicatriz não é simplesmente o resultado de factores ao acaso, mas antes o produto do significado individual dado à árvore e ao símbolo do relâmpago para cada um dos sujeitos estudados.

Com o mesmo objectivo de Lyons aparece um trabalho de Bolin, Schneps e Thorne (1956). Foi, por estes autores, aplicado o procedimento de Lyons a uma população constituída por 3 grupos de sujeitos adultos, não amputados. Foram medidas, em milímetros, as árvores desde o ponto mais baixo até ao mais alto (HT), e achada a distância que vai do ponto mais baixo até à marca x (SC); foi também determinada a idade actual dos sujeitos (CA) e a sua idade no momento do trauma alegado (TR), e obtidas as razões SC/HT e TR/CA. Mas, o facto é que não foi encontrada qualquer correlação significativa entre a altura relativa da marca do relâmpago na árvore e a idade relativa do pior acontecimento.

Relativamente à escola de Koch, convém, antes de mais, salientar que nas primeiras edições do *Baumtest* não é feita qualquer alusão ao recurso de marcas de traumas nos desenhos de árvore para estabelecer a data da ocorrência de acontecimentos significativos (Koch, 1949), e que é somente na 3.ª edição alemã do livro de Koch (ou seja em 1957) que, pela primeira vez, se encontra uma referência a essa questão. A inclusão nesta 3.ª edição, do *Índice de Wittgenstein*, de um extracto dos trabalhos de Hermann Städeli e do contributo de outros autores insere-se – como assinala o próprio Koch no prefácio a esta edição (Koch, 1957, p. 7) – numa perspectiva de enriquecimento do teste da árvore. Koch refere ter sido o Dr. Graf Wittgenstein quem – a denominação *Índice de Wittgenstein* deve-se ao facto de ter sido o neurólogo alemão Dr. Graf Wittgenstein a fazer a constatação –, numa comunicação pessoal, lhe havia afirmado: «Se se admitir que a árvore que é desenhada num determinado momento deverá retratar ou correspon-

der à situação presente de quem efectua ou efectuou o desenho, então deverá poder encontrar-se uma medida capaz de poder aplicar-se tanto à árvore como à vida. E isto, porque, se a árvore representa o homem, uma parte dela representará uma parte do homem» (Koch, 1957). E um primeiro exemplo é então apresentado em defesa dessa posição. Diga-se que para tal se calcula a altura da árvore (h) em milímetros e a idade do desenhador em anos e meses (i). Isso permitirá detectar na árvore certos elementos importantes, e em parte esquecidos, da história do indivíduo. Eis o exemplo: «Um homem de quarenta anos desenhou uma árvore de 120 mm. de altura, o que dá um índice de 3. À distância de quase 13 mm. da linha de solo, o bordo esquerdo do tronco apresenta-se descontínuo. À questão *O que é que lhe aconteceu relacionado com a mãe e/ou com o pai quando tinha 4 anos e 4 meses* (12,9:3 = 4,3 ou seja 4 anos e 4 meses)?¹, o paciente ficou pálido e respondeu que com essa idade tinha perdido a sua mãe» (Koch, 1969, p. 50). Outros exemplos são ainda apresentados por Koch (1969, pp. 50-53) em abono deste método. E todos «parecem confirmar a hipótese segundo a qual a altura da árvore (ou seja a distância que vai da base ao topo da árvore) contém a história da vida do sujeito, sendo então possível datar ou situar no tempo, com bastante exactidão, os mais pequenos acontecimentos da sua vida passada» (Koch, 1969, p. 50). Koch estabelece, no entanto que:

(a) «os traumatismos, conscientes ou esquecidos, devem ter acontecido já há uns anos para se conseguir um cálculo correcto;

(b) nem todos os casos de traumatismo são detectáveis pelo desenho da árvore» (Koch, 1969, p. 51).

É com base nesta dificuldade, ou até impossibilidade, em detectar acontecimentos traumáticos recentes que Ermanno Ducceschi (1966) efectua uma reflexão crítica ao *Índice de Wittgenstein* dizendo a propósito do seu autor: «Ele partiu de uma ideia que não deixa de ter lógica.

¹ A tradução francesa conterà aqui uma gralha (Veja-se Koch, 1969, p. 50).

Se a árvore representa o homem, uma parte desta representará uma parte do homem.

Transformando o seu pensamento numa fórmula geométrica, chegar-se-ia à seguinte ilação: dados 2 segmentos de recta A-B e C-D, de diferentes comprimentos, e admitindo que o segmento A-B equivalha ao segmento C-D, 1/3 de A-B equivalerá a 1/3 de C-D; 1/4 de A-B a 1/4 de C-D; e assim por diante. Deste modo, a determinada idade do homem corresponderia determinada idade da árvore» (Ducceschi, 1966, p. 71). Várias críticas são, por este autor, feitas aos exemplos referidos em Koch e é proposto que seja considerada na medição não apenas a altura total da árvore mas também a do tronco.

Relacionado com esta problemática há também um artigo de vários autores espanhóis (Abad-Alegria, González & Orta, 1981). Serviu-lhes de amostra uma população constituída por 2.114 indivíduos dos 2 sexos, com idades compreendidas entre os 3 e os 92 anos, a quem foi aplicado o teste da árvore com o objectivo de verificar a validade do *Índice de Wittgenstein* relativamente à detecção ou revelação de traumas psicológicos passados. Concluíram, no entanto, estes autores que, «independentemente da idade, a cicatriz no tronco da árvore – somente lhes interessou a cicatriz no tronco – tendia a situar-se no limite entre o terço inferior e o meio do tamanho total da árvore, e que, por conseguinte, se tratava de um fenómeno meramente geométrico e não projectivo, na medida em que nada tinha a ver com os acontecimentos vitais dos sujeitos estudados».

Dada a diversidade das opiniões que acabamos de expor, tomámos como hipóteses que:

(a) a haver sujeitos com traumas ou traumatizados psicologicamente estes deveriam situar-se, senão exclusiva pelo menos preferencialmente, numa população claramente perturbada ou psicótica, e não num grupo de normais;

(b) considerando a cicatriz no tronco da árvore como a expressão de acontecimentos traumáticos, os desenhos de árvore de adolescentes psicóticos, por exemplo, deveriam evidenciar percentagens mais elevadas de cicatrizes que os de adolescentes normais.

QUADRO 1
Cicatriz no tronco

Idade	Sujeitos		Desenhos	Categoria de sujeitos						Total de desenhos com cicatriz
	Psicóticos	Normais		Psicóticos			Normais			
			1.º	2.º	Total	1.º	2.º	Total		
12 anos	12	12	48	1	0	1	2	2	4	5
13 anos	12	12	48	4	4	8	3	5	8	16
14 anos	12	12	48	2	2	4	1	1	2	6
15 anos	12	12	48	0	0	0	5	2	7	7
16 anos	12	12	48	1	1	2	2	1	3	5
17 anos	12	12	48	0	0	0	1	3	4	4
Total	72	72	288	8	7	15	14	14	28	43
%				11,1	9,7	10,4	19,4	19,4	19,4	14,9

2. METODOLOGIA

Aplicámos o Teste do desenho da Árvore a um efectivo constituído por 72 adolescentes psicóticos do sexo masculino, em tratamento numa instituição psicoterapêutica, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos incluídos, distribuídos equitativamente por grupo etário, tendo cada sujeito fornecido 2 desenhos de árvore, um após outro, segundo a instrução: «Desenhe uma árvore» (para o 1.º desenho); «Desenhe ainda uma árvore» (para o 2.º desenho).

Foi obtido, segundo idêntico procedimento, um número igual de desenhos de árvore de adolescentes normais, do mesmo sexo, habitando na mesma região e apresentando um nível socio-económico semelhante.

3. RESULTADOS

O estudo dos desenhos dos adolescentes encontra-se no Quadro 1 – nós não nos ocupámos da medição da altura da cicatriz no tronco mas somente da sua presença.

Este quadro revela-nos que:

(a) no total dos 288 desenhos de árvore recolhidos há cicatrizes no tronco da árvore em 43

deles, ou seja em 14,9% – o que não é estatisticamente significativo –, sendo a percentagem nos psicóticos de 10,4% e nos normais de 19,4%;

(b) a percentagem de aparecimento de cicatrizes no tronco é sempre mais elevada nos adolescentes ditos normais que nos psicóticos, quer se trate do 1.º desenho (19,4% contra 11,1%), do 2.º desenho (19,4% contra 9,7%), ou do total de desenhos por categoria de sujeitos (19,4% contra 10,4%);

(c) os adolescentes psicóticos apresentam, em geral, metade do total de cicatrizes constatado nos adolescentes ditos normais ou seja, os normais tendem, de forma estatisticamente significativa [$X^2(1) = 3,93, p < 0,05$], a desenhar cicatriz no tronco da árvore com mais frequência que os psicóticos;

(d) a presença de cicatriz no tronco varia significativamente com a idade, sendo mais elevada no grupo etário dos 13 anos que nos grupos restantes [$X^2(5) = 13,7, p < 0,02$];

(e) os valores obtidos quer nos psicóticos quer nos normais permanecem praticamente estáveis de desenho para desenho (psicóticos: 11,1% no 1.º desenho e 9,7% no 2.º desenho; normais: 19,4% no 1.º desenho e 19,4% no 2.º desenho).

4. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Parece, pois, não restar dúvida de que estes resultados contrariam os de outros autores, na medida em que:

(a) é nos adolescentes normais – e diríamos «adaptados» – que a percentagem de cicatrizes é mais elevada;

(b) a percentagem de cicatrizes nos desenhos de árvore dos adolescentes normais por nós estudados (19,4%) é superior às percentagens indicadas por Lyons para crianças (10%) e para adultos (5%);

(c) dentro do grupo dos adolescentes, é na faixa etária dos 13 anos que os sujeitos desenharam mais cicatrizes no tronco.

As nossas hipóteses não foram confirmadas e a discrepância destes resultados com os de outros estudos poderá atribuir-se a diferenças de critérios utilizados pelos diversos autores ou a factores de difícil verificação. Note-se, antes de mais, que, relativamente aos autores atrás citados, enquanto Buck insiste no carácter subjectivo e traumatizante do acontecimento, e que Levine e Galanter falam de acontecimentos (reais) objectivamente verificáveis como a amputação, Wittgenstein considera como suficiente todo e qualquer evento importante e até esquecido da história do indivíduo. Seria também oportuno efectuar aqui algumas considerações sobre a questão do trauma e traumatismos, o que, de certo modo, envia a um problema fundamental e comum a outros testes projectivos, que é o da definição e estabelecimento dos critérios de validade. Assim, bastaria, efectivamente, reportarmos a um dicionário para se ver que os termos trauma e traumatismo, de uso muito corrente em medicina e em cirurgia, passaram também para outras ciências, como a psicologia e a psicanálise. E o facto é que se considera, actualmente, em psicologia, como trauma psíquico, toda a emoção violenta que modifica, de forma duradoura, a personalidade de alguém sensibilizando-o a idênticas emoções posteriores.

Todos nós guardamos na memória a lembrança da ocorrência, ao longo da nossa vida, de experiências desagradáveis e traumatizantes – porque (subjectivamente) marcantes –, caracterizadas pelo aparecimento de angústia face a uma situação de perigo a que estivemos expostos e de

que procurámos fugir. Autores há que consideram que esta angústia advém necessariamente com o nascimento que é, por natureza, um acontecimento traumatizante. Daí a designação de «traumatismo do nascimento» de que fala Rank (1924) e que, segundo ele, está na base de toda a angústia posterior.

Freud (1926), ao tratar da etiologia das neuroses, aborda essa questão, de uma forma um pouco mais mitigada, sublinhando, todavia, o perigo que poderá representar o nascimento para o ser humano. Sobretudo, se se tiver presente a inexistência, na criança, de mecanismos de defesa adequados. A separação da mãe, inicialmente biológica no momento do nascimento, poderá também manifestar-se posteriormente do ponto de vista psicológico. Até porque as circunstâncias que rodeiam o nascimento não são o único momento ou factor determinante da estrutura da personalidade.

Laplanche e Pontalis (1967) que se debruçaram sobre os termos trauma e traumatismo na obra de Freud, acentuam não só a intensidade do acontecimento desencadeador como também a incapacidade em que se acha o indivíduo para responder, de forma adequada, ao transtorno causado, salientando assim o aspecto económico da questão, ou seja a ideia de desequilíbrio entre o organismo e o seu meio. É claro que a teoria freudiana sobre essa questão passou por diversas fases, e se, num primeiro tempo, Freud apresenta o traumatismo como tendo origem num acontecimento pessoal da história do indivíduo, datável e subjectivamente importante pelos afectos penosos que pode desencadear, posteriormente esse autor vai ao ponto de considerar que a etiologia do traumatismo poderá residir apenas na vida fantasmática e nas fixações das diversas fases libidinais (Freud, 1926)². Assim sendo, fica-se na impossibilidade de identificação e de localização do acontecimento traumatizante.

E também não parece nada fácil encontrar a resposta para a segunda questão, deixando portanto em aberto a resolução da equação cicatriz/acontecimento traumatizante.

² Referimo-nos aqui a posições expostas em *Inibição, Sintoma e Angústia* cuja publicação data de 1926.

BIBLIOGRAFIA

- Abad-Alegria, F., González, M. & Orta, M.J. (1981). Crítica del índice de Wittgenstein. *Actas Luso-Espanölas de Neurologia, Psiquiatria y Ciencias Afins*, 9: 161-170.
- Bolin, B., Schneps, A. & Thorne, W.E. (1956). Further examination of tree-scar-trauma. Hypothesis. *Journal of Clinical Psychology*, 4: 395-397.
- Buck, J. (1948a). The H.T.P. technique: A qualitative and quantitative scoring manual. *Journal of Clinical Psychology*, 4: 317-396.
- Buck, J. (1948b). The H.T.P. technique. A qualitative and quantitative scoring manual. *Journal of Clinical Psychology*, 5: 1-118.
- Castro Carneiro, F. (1986). *Le test de l'arbre: une approche dynamique*. Tese de Doutoramento de Estado. Paris: Université de Paris 7.
- Diamond, S. (1954). The house and tree in verbal fantasy: 1. Age and sex differences in theme and content. *Journal of Projective Techniques*, 18: 316-325.
- Ducceschi, E. (1966). *O teste da árvore. Contribuição à sua aplicação clínica*. Porto Alegre: Editora La Salle.
- Freud, S. (1967). *Obras completas* (tomo I, II, III). Madrid: Biblioteca Nueva, 3.ª ed..
- Hammer, E. (1953). The role of the H. T. P. in the prognostic battery. *Journal of Clinical Psychology*, 9: 371-374.
- Koch, K. (1949). *Der Baumtest*. Berne: Verlag Hans Huber.
- Koch, K. (1957). *Der Baumtest*. Berne: Verlag Hans Huber, 3.ª ed.
- Koch, K. (1969). *Le test de l'arbre*. Traduzido do Alemão por Emile Marmy e Henry Niel. Lyon: Editions Emmanuel Vitte.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (1967). *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: PUF.
- Levine, M. & Galanter, E.H. (1953). A note on the «Tree and trauma» interpretation in the H.T.P.. *Journal of Consulting Psychology*, 17(1): 74-75.
- Lyons, J. (1955). The scar on the H.T.P. test. *Journal of Clinical Psychology*, 9: 267-270.
- Rank, O. (1976). *Le Traumatisme de la Naissance*. Paris: P.B.P., n.º 121.

RESUMO

O autor ocupa-se neste trabalho de uma técnica de interpretação do teste do desenho da árvore conhecida pela designação de *Índice de Wittgenstein* e que

consiste em determinar a data de ocorrência de acontecimentos importantes ocorridos na vida das pessoas.

É em primeiro lugar referida a especificidade desta técnica e indicado o contributo dos diversos autores, tanto da escola americana (Buck, Levine & Galanter, Hammer, Diamond, Lyons, Bolin e col.), como da escola de Charles Koch (Wittgenstein, Koch, Ducceschi, Abad-Alegria e col.) relativamente ao emprego e à validade deste Índice no diagnóstico clínico.

Os resultados da aplicação, pelo autor, do teste do desenho da árvore a dois grupos de adolescentes segundo uma metodologia indicada neste trabalho, levam a que sejam postas sérias reservas ao dito *Índice de Wittgenstein*.

ABSTRACT

This study examines, what is generally known by the *Index of Wittgenstein*. This index is a technique for interpreting in the tree draw test the date of occurrence of important events in the life of a person.

In order to validate the Index for diagnostic proposals this study makes an historical reference to the contributions of the two most important schools, the American school (Buck, Levine & Galanter, Hammer, Diamond, Lyons, Bolin et al.) and the Koch school (Wittgenstein, Koch, Ducceschi, Abad-Alegria et al.).

Taken into account the Freud theory the author claims that although the definition of a traumatic event is not complex to determine, on the other hand it is very difficult to establish the date of its occurrence in the life of a person in the tree draw test.

RESUME

L'auteur s'occupe ici d'une technique d'interprétation du test de dessin de l'arbre connue par la désignation d'*Index de Wittgenstein* et qui consiste à déterminer la date d'occurrence d'événements importants survenus dans la vie des individus.

Il sera, tout d'abord, indiquée la spécificité de cette technique et précisée la contribution de divers auteurs, aussi bien de l'école américaine (Buck, Levine et Galanter, Hammer, Diamond, Lyons, Bolin et col.), que de l'école de Charles Koch (Wittgenstein, Koch, Ducceschi, Abad-Alegria et col.) concernant l'emploi et la validité de cet Index en diagnostic clinique.

Les résultats de l'application, par l'auteur, du test de l'arbre à deux groupes d'adolescents selon une méthodologie indiquée dans ce travail amènent à se poser de sérieuses réserves relativement au dit *Index de Wittgenstein*.